

BRASÍLIA, DF, 18 DE ABRIL DE 2000

Senhor Vice-Presidente da República, Doutor Marco Maciel; Senhor Presidente do Senado Federal, Antônio Carlos Magalhães; Senhor Presidente da Câmara, Michel Temer; Senhor Presidente do Supremo Tribunal Federal, Ministro Carlos Velloso; Senhor Presidente dos Diários Associados, Doutor Paulo Cabral de Araújo; Senhores Ministros de Estado, Senhor Governador de Brasília; Senhor Governador de Goiás; Senhores Parlamentares; Senadores; Deputados, Senhoras e Senhores,

Doutor Paulo, entre as tarefas do Presidente da República do Brasil, existe uma que eu não sei se é comum. É que nós somos metidos ao que se chama – quando se está dando aula – sortear o ponto na hora. Fui sorteado, neste momento, para falar e fiquei feliz com isso. Não sabia que tinha que falar e fiquei feliz com isso, porque posso expressar de uma maneira mais direta, mais emotiva, a minha alegria por estar aqui, nesta manhã, na inauguração desta nova etapa do *Correio Braziliense*.

Ademais, o que havia de substancioso a ser dito foi dito, e muito bem, pelo Senhor. Todos nós, brasilienses por nascimento ou brasi-

lienses pelo convívio tão longo, como é o meu caso, com esta cidade, nos habituamos a ver no *Correio Braziliense* um jornal correto, combativo, que, realmente, aporta ao leitor informações fidedignas. Mas o que me deixa mais contente ainda, ao vir aqui, ver que o jornal avança, é que tenho muitas vezes participado de solenidades deste tipo, como Presidente. O que é um bom sinal da condição de saúde da nossa imprensa e da liberdade da nossa imprensa.

Vivemos um período que é frutífero para a democracia, porque é de absoluta liberdade. E a nossa imprensa, no sentido amplo, não só a escrita, tem sido capaz de utilizar esse espaço de liberdade para ajudar a construir a democracia e para apontar aquilo que deva ser corrigido na nossa sociedade e nos nossos costumes, inclusive os políticos, para que possamos, cada vez mais, seguir no caminho da consolidação de uma grande nação.

O fato de eu ter participado de várias solenidades deste tipo mostra, também, o outro lado: é que, a despeito de tudo, há pujança no Brasil. Pelo menos o parque gráfico aumenta e os jornais crescem, e os jornais não podem crescer sozinhos. Se não houver uma sociedade que cresça também e uma economia que se desenvolva, o jornal fenece. Então, o crescimento do parque gráfico, o crescimento dos jornais, das revistas, da mídia em geral, é o sinal mais evidente de que este país se transforma, a despeito de tudo e a despeito das dificuldades.

Nas suas palavras, Doutor Paulo, o Senhor colocou uma questão que é vital, que é fundamental. Não apenas estamos assistindo a este momento de transformação dos parques gráficos do Brasil, de modernização, de expansão da qualidade, do número de páginas, da quantidade de anúncios, do número de leitores. Isso se dá num momento em que existe um crescimento extraordinário da Internet e de todos os demais meios de comunicação, que não são o da comunicação escrita, ou seja, uns se fazem sem ser em detrimento de outros. Há espaço. Há espaço de crescimento e parece que há até uma interação virtuosa, e quanto mais nós nos espantamos – eu me espanto – com o número de pessoas, por exemplo,

que hoje manipula a Internet, adere à informação instantânea, imediata, mais aumenta o número de leitores também.

Isso é uma coisa que, no passado, se diria: bom, o mercado é este, um pedacinho está sendo ocupado por este setor, não me cabe mais espaço. Ao contrário, há uma interestimulação, e, com ela, o que é mídia escrita está começando a compreender o seu novo papel. O novo papel, me permita – eu vou na picada aberta pelo seu pensamento, – tem a ver com o fato de que a comunicação instantânea produz tanta informação e a fragmenta tanto, que é preciso reconstruir essa informação através de algum tipo de interpretação. E os jornais e as revistas, crescentemente, têm esse papel de ordenador do pensamento.

De modo que vejo com muita alegria o fato de o *Correio Braziliense* estar, neste momento, se expandindo da forma como o fez. E mais ainda, hoje, na sociedade contemporânea que até é chamada sociedade da informação, por essa mesma razão, nessa velocidade com que essas transformações ocorrem, de alguma maneira a imprensa e a mídia em geral se transformaram num dos pilares da nova sociedade. Mais forte do que a chamada nova economia, cujos turbilhões às vezes assustam. A nova sociedade, a da informação, não assusta tanto e ela é mais estável no seu caminho de progresso.

Perguntei, brincando, ao Doutor Paulo, quando aqui cheguei: isso tudo é do *Correio Braziliense* ou é a concorrência? Ele me disse que era a concorrência, sinal saudável, também, de que há uma boa concorrência. Mas, ao olhar qualquer evento, hoje, no Brasil, essa imensa quantidade de repórteres, fotógrafos, enfim, essas pessoas que estão aí, prontos a dar uma informação, me dá a impressão de que estamos recriando, nessa mídia, a função que na Grécia tinha o coro, no teatro grego. Eles são o coro do teatro grego. Embora não seja o partícipe ativo da vida política – e os que aqui estão são os que comandam essa vida política –, dando a impressão de que não são partícipes ativos, funcionam como coro fazendo a crítica e fazendo o contraponto, levando os principais personagens a atuarem de forma diversa e a terem de responder à existência desse permanente alerta, que é dado pela mídia.

De modo que vendo, como vejo, a sociedade dessa maneira e entendendo, como entendo, o papel do coro, e ao invés de querer não ouvir, prefiro ouvi-lo, muito atentamente, embora nem sempre concordando, mas sempre sabendo que é importante que este faça barulho. Espero que suas máquinas, aqui, hoje, façam muito barulho e que continuem a alertar o Brasil, alertar Brasília e fazer com que, efetivamente, aquela obra de Juscelino, que foi a obra do milênio, que é a transferência da capital para Brasília, tenha um significado simbólico: ouvir este imenso Planalto Central, então, muito vazio, mas hoje um planalto cheio de vozes, e de vozes que clamam junto com o Brasil, para que crescamos mais e para que possamos, como bem terminou o seu discurso, levar adiante os nossos anseios, que hoje não podem ser outros senão os de, ao lado da democracia, combater a miséria e garantir sempre e sempre a democracia.

Que o *Correio Braziliense* seja um símbolo, também, aqui, em Brasília, dessa luta incessante deste nosso povo. E que este coro, que aqui está, continue com suas vozes a ajudar aqueles que têm, momentaneamente, nas mãos os destinos da Nação de caminhar de um modo que seja sempre coincidente com os sentimentos da população.

Muito obrigado e parabéns!